

A escola e a diversidade cultural

Respeito pelas Culturas ou Cultura de Respeito?

O debate em torno do paradigma do multiculturalismo que se baseia nos dois termos: *cultura e igualdade*, tem conhecido muitas inflexões. E se nalgumas sociedades existe um compromisso com a igualdade cultural mas não com a igualdade individual, noutras, lidar com a diversidade cultural é menos confortável.

Apesar do grande apelo que o paradigma do *multiculturalismo* tem tido, poucas terão sido as promessas cumpridas da educação multicultural, nomeadamente a promessa de que a educação multicultural, com a representação da diversidade cultural no currículo e na prática diária, poderia ser o melhor recurso educacional para lidar com o tema do sucesso escolar das minorias e que poderia também promover uma maior harmonia e interação cultural, tanto nas escolas como na sociedade em geral.

De facto, desde o início, a educação multicultural e o multiculturalismo prometeram bastante para responder às questões «podemos viver juntos?» ou «como é que nós podemos viver juntos?» «*Could we live together?*»? é, de resto, uma questão típica por detrás de muito que tem sido dito e escrito sobre multiculturalismo. Mas a questão colocada nestes termos pode dar a entender que os *outros* não cabem numa definição do *nós* sendo, portanto, um *problema*. Usar uma definição essencialista e estática do grupo, coloca a ênfase na diferença e a criação da *otherness*. Para ultrapassar a rigidez por detrás dessa definição, tem sido sugerido o conceito alternativo de *interculturalismo* que, segundo os seus defensores, colocaria a ênfase na dinâmica que existe entre grupos ao contrário do *multiculturalismo* que, ao tratar todos os grupos como iguais, isolaria cada um desses grupos numa definição estática da sua própria identidade, deixando de lado o diálogo e a reciprocidade.

De qualquer maneira, quer se use um ou outro termo, o que tem sido central no debate dos últimos anos tem sido, por um lado, a centralidade da *cultura* e, por outro, o reconhecimento de *igualdade* como a estabeleceu Brian Barry, num livro intitulado «*Culture and Equality*» que tem suscitado grandes reacções. Um dos aspectos que se tem discutido é o papel do grupo como bases dos direitos individuais. Por exemplo, ao nível da educação no Reino Unido, algumas normas isentam os pais de alguns grupos de mandar os seus filhos à escola pelo mesmo período das outras crianças e pode argumentar-se que conceder reconhecimento ao grupo pode negar o igual tratamento dos indivíduos.

O debate em torno do paradigma do multiculturalismo que se baseia nos dois termos: *cultura e igualdade*, tem conhecido muitas inflexões. E se nalgumas sociedades existe um compromisso com a igualdade cultural mas não com a igualdade individual, noutras, lidar com a diversidade cultural é menos confortável.

Em Portugal, a constante promoção da ideologia luso-tropicalista tem reconstruído a nação em bases universalistas e não-racista, pelo que os portugueses têm, de si próprios, uma imagem de excepção, e a escola tem sido um recurso fortemente usado para transmitir as ideias dominantes em torno da portugalidade, nomeadamente esta de uma cultura humanista, universalista e não-racista.

Apesar disso, como diz Américo Peres, a educação multi-intercultural é uma necessidade e uma exigência da sociedade actual. Mas, se a educação multicultural quiser ser eficaz, não pode ser apenas uma série de proposições politicamente correctas em torno da noção de escola inclusiva. Tem que ir além de fornecer a maioria étnica com informação acerca dos estilos de vida e das realizações das minorias étnicas. No entanto, também não pode cair na armadilha de promover o contrário da harmonia social, salientando o quão diferentes e estranhos «eles», os «outros» são, como acontece quando se criam *guetos escolares*, ou sublinhando algumas práticas que muitas pessoas podem não aceitar, como a matança de animais ou outras práticas defendidas em nome da cultura como a *circuncisão* feminina.

Tudo isto ilustra de facto as dificuldades em conciliar cultura e igualdade na sociedade e na escola. Talvez que, como Steve Fenton propõe, o que precisamos é, não de desenvolver novas filosofias, mas a aplicação de velhos princípios: é necessário o respeito pela cultura mas também, e sobretudo, a promoção de uma cultura de respeito.